

O livro dos nomes, ou O limite-deslimite de um nome-destino

El libro de los nombres, o El Límite-deslímite de un nombre-destino

Adonai da Silva de Medeiros¹
Alessandra Conde²

Resumo: Qual o alcance de um nome de um personagem em um texto literário? Os limites de seus significados são o que o abre ao deslimite da personagem, ou apenas flagra o que o nome já antecipa? Diante destes questionamentos, é objetivo deste texto interpretar os nomes assumidos por “Kelly”, personagem do romance *O livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel (2008), em diálogo com a figura mítica da tradição católica Virgem Maria e suas sete dores a partir de uma estrutura arbórea cuja semente é o capítulo “Kelly ou O amparo dos nomes”. Com relação às sete dores mariana, interpretaremos os nomes e as estórias de 10 personagens. A leitura onomástica do romance será conduzida por um método hermenêutico, procurando arquitetar um texto que siga os sentidos abertos e permitidos pelo texto literário. No curso deste texto, dialogaremos com De Varazze (2003), Benedito Nunes (1995), Eliade (1972), Machado (1991) e os evangelhos de Mateus, Lucas e João, além de buscarmos subsídio, quanto aos significados dos nomes, em Guérios (1981), Azevedo (1993) e Obata (1994). Ademais, o destino de Kelly/Dasdô reclama dela nomes que lhe construam caminhos de ser.

Palavras-chave: *O livro dos nomes*; Maria Esther Maciel; Leitura onomástica; Virgem Maria.

Resumen: ¿Cuál es el alcance del nombre de un personaje en un texto literario? ¿Son los límites de sus significados lo que lo abre a otras posibilidades de ser del personaje, o simplemente captura lo que el nombre ya anticipa? A la luz de estas preguntas, el objetivo de este texto es interpretar los nombres asumidos por “Kelly”, personaje de la novela *El libro de los nombres*, de Maria Esther Maciel (2008), en diálogo con la figura mítica de la tradición católica, la Virgen María y sus siete dolores, a partir de una estructura arbórea cuya semilla es el capítulo “Kelly o El soporte de los nombres”. A propósito de los siete dolores marianos, interpretamos los nombres e historias de 10 personajes. La lectura onomástica de la novela se realizará mediante un método hermenéutico, buscando diseñar un texto que siga los significados abiertos y permitidos por el texto literario. En este texto, dialogaremos con De Varazze (2003), Benedito Nunes (1995), Eliade (1972), Machado (1991) y los evangelios de Mateo, Lucas y Juan, además de buscar apoyo, respecto al significado de los nombres, en Guérios (1981), Azevedo (1993) y Obata (1994). Asimismo, el destino de Kelly/Dasdô exige nombres que construyan sus caminos de ser.

¹ Doutorando e mestre em Letras/Estudos literários, ambos com bolsa CAPES, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Membro integrante do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) - Estudos de Poética e Filosofia e do Grupo de Pesquisa LAESP - Linguagens Artísticas e Estilos Poéticos. E-mail: adonai.medeiros18@gmail.com.

² Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2018). Atualmente é professora adjunto da Universidade Federal do Pará, atuando no Programa de Pós-graduação de Letras (PPGL) e no Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA). Coordena o projeto Ecos sefarditas: judeus na Amazônia e o NESA (Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia). E-mail: afcs77@hotmail.com.

Palabras clave: *El libro de los nombres*; Maria Esther Maciel; Lectura onomástica; Virgem Maria.

1 Considerações iniciais

Limite? Limite é tudo o que já nos antepõe ao que nos convoca ao deslimite. Deslimite não é, simplesmente, o contrário do limite, mas é a abertura, por via da negatividade, para alcançarmos o que ainda não alcançamos. O deslimite abre o limite, porejando-o. Ora, todo limite já traz consigo o que permite tanto o que limita quanto a possibilidade de deslimite, a abertura para o ilimitado. Assim um nome literário age.

O nome encontra o limite nos seus significados? Certamente, sim. Contudo, sua força elocutiva em um texto literário é capaz de “ilimitá-lo”, porque não apenas seus significados formarão texto, mas a própria contradição e contraste do personagem para com os significados de seu nome construirão possibilidades significativas e interpretativas mais amplas e infundas.

Nesse sentido, esse texto objetiva interpretar os nomes da personagem Kelly (primeira seção), do romance *O livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel (2008), e como eles nos permitem realizar uma leitura totalizante do livro a partir do diálogo com a Virgem Maria e suas sete dores (segunda seção). Realizaremos a interpretação das sete dores mariana e suas configurações no romance a partir de 10 personagens e seus nomes, estes constroem o fundamento necessário para este texto. A leitura onomástica do romance será guiada pelo método da leitura hermenêutica, buscando aprofundar o texto literário a fim de perseguir o sentido que ele nos apresenta.

No curso deste trabalho, dialogaremos com De Varazze (2003), Benedito Nunes (1995), Eliade (1972), Machado (1991) e os evangelhos de Mateus, Lucas e João³, além de buscarmos subsídio, quanto aos significados dos nomes, em Guérios (1981), Azevedo (1993) e Obata (1994). Ademais, será este estudo conduzido pelo amparo dos nomes.

2 Kelly – as transmutações por um nome

É conhecida a passagem de João 1, 14 (Novo Testamento, 2011, Jo, 1. 14, p. 181) que diz: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”. O nascimento de Jesus consagrou-se enquanto um desvelamento e realização corpórea do Verbo, de modo que o sopro divino, o

³ A versão da bíblia que utilizaremos é a traduzida por João Ferreira de Almeida, a qual contém apenas os livros do novo testamento.

tempo sem começo nem fim, porquanto é eterno como Deus, se realizou em um começo, em um tempo humano, a partir de um ventre virginal: “Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo tua palavra. E o anjo ausentou-se dela” (Novo Testamento, 2011, Lc, 1. 38, p. 112). Esta *palavra* era uma palavra, antes mesmo da concepção e nascimento da Virgem, já destinada a acontecer pela promessa de seus pais:

[...] Também sua esposa Ana parirá uma filha e você lhe dará o nome de Maria. De acordo com a promessa que fizeram, ela será consagrada ao Senhor desde a infância. Desde o útero de sua mãe será cheia do Espírito Santo. A fim de que não haja qualquer suspeita que lhe seja desfavorável, não terá contato com o mundo, ficará sempre morando no templo do Senhor. Ela própria, nascida de mãe estéril, gerará maravilhosamente um filho altíssimo, cujo nome será Jesus e por meio do qual todos os povos serão salvos (Jerônimo *apud* De Varazze, 2003, p. 749).

Tanto o nome “Maria” quanto a sua vida são frutos de promessa: “Como por vinte anos não tiveram filhos, [Joaquim e Ana] fizeram uma promessa ao Senhor, que se este lhes concedesse descendência eles a entregariam a Seu serviço” (De Varazze, 2003, p. 748). Assim como em Jesus, o Verbo uniu-se à carne⁴, formando somente um ser ao se assumir como tal, em Maria, o destino de uma vida, arquitetada pelo Verbo divino também na voz de um anjo, se realiza na carne, como podemos escutar na fala de Isabel: “Bem-aventurada a que creu, pois não de cumprir-se as *coisas* que da parte do Senhor lhe foram ditas” (Novo Testamento, 2011, Lc, 1. 45, p. 112, *grifo do autor*).

Em certo sentido, o nome conquista uma primazia, como que traçando o caminho, sobre a carne. Ora, a vida de Maria é e pode ser lida desde a revelação de seu nome. Obata (1994, p. 136) afirma que dentre as mais de 70 interpretações possíveis a respeito do nome “Maria”, a origem egípcia, *Mrym*, significa “amada de Amón”, ou “amada de Deus” – ou ainda “predileta de Javé” (Guérios, 1981, p. 171). Maria é amada de Deus porque está, desde antes do seu nascimento e pelo seu nome, consagrada ao seu serviço: “Diante desta ordem [de retornar para casa] todas partiram, apenas a bem-aventurada Virgem Maria respondeu que não podia fazê-lo, pois seus pais haviam-na entregue ao serviço do Senhor e prometido a Ele a virgindade dela” (De Varazze, 2003, p. 750).

Nesse sentido, o amor de Deus pela Virgem manifesta-se paralelamente à forma de servidão de Maria, uma vez que sua vida é uma correspondência à palavra. Obata (1994), Azevedo (1993) e Guérios (1981) concordam quanto à proveniência do nome Maria, o qual deriva do hebraico, *Miryam* (assim grafado pelos dois primeiros), ou *Miryám* (grafado pelo

⁴ Por “carne” compreendemos o humano em si mesmo, corpo, ser e modo de ser – lugar, tempo e sua propriedade. Daí que essa carne é incorporada, no caso da Virgem Maria, pelo nome.

último). Contudo, os dois últimos autores são mais uniformes quanto aos significados do nome, afirmando que, em sua forma hebraica, “Maria” significa “excelsa”, “sublime” (Guérios, 1981, p. 171; Azevedo, 1993, p. 395), o que nos mostra um caráter transcendente – de humana para santa, originando outro significado do nome (Azevedo, 1993, p. 395)⁵, até o divino – de Maria que se aloja e se difunde no nome, pois o mistério virginal e da sacralidade de sua gravidez limpa de si as impurezas do pecado. Daí ela ser “soberana” (Obata, 1994, p. 136) entre os homens pelo sopro de seu nome:

Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor; E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador; Porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão de bem-aventurada” (Novo Testamento, 2011, Lc, 1. 46-48, p. 112).

Notemos, assim, que há correspondência entre os significados expostos e discutidos em relação à vida da Virgem e seu nome. Em se tratando do significado de “mar de amargura”, que vem a ser exposto também por Obata (1994, p. 136) como “a quem tem amargura” – cuja proveniência seria o hebraico *Marah* –, a correspondência flagra-se pelo próprio sofrimento que a Virgem Maria passa antes – “E *uma* espada traspassará também a tua própria alma” (Novo Testamento, 2011, Lc, 2. 35, p. 116, *grifo do autor*), diz Simeão a Maria –, durante – e aqui basta lembrarmos que “junto à cruz de Jesus estava sua mãe” (Novo Testamento, 2011, Jo, 19. 25, p. 228) – e após a morte de Jesus – “Um dia em que o coração da Virgem estava fortemente abrasado de saudade de seu filho, comoveu tanto seu espírito que derramou lágrimas abundantes” (De Varazze, 2003, p. 657).

O nome da Virgem, revelado anos antes de sua concepção, é já a manifestação de seu destino: sendo excelsa, sublime, mantendo-se virgem em toda sua vida, de si desvela o Verbo divino, que vem a concretizar, concomitantemente, sua amargura e posterior elevação ao ser soberana entre os homens. Neste sentido, o nascimento da Virgem Maria deu-se antes de sua concepção, sendo sua vida a concretização de seu nome. Queremos acrescentar que o próprio nome mantém a virgindade de Maria, posto que ele resguarda em si a possibilidade da diferença e nascimento, isto é, ele é o sempre “vazio virginal”, o inaugural e instaurador de nascimento, e isso nos atesta Kelly, ou Maria das Dores:

⁵ Azevedo (1993, p. 395) informa ainda que o “apêndice da Vulgata interpreta” o nome Maria “como ‘exaltada’ e ‘mar de amargura’” (ibid. idem). No que se refere ao significado de “elevada” e “exaltada”, De Varazze (2003, p. 663), ao comentar as revelações de Santa Isabel a respeito da elevação da Virgem, em espírito e corpo, aos céus, afirma que “a gloriosa Virgem Maria foi elevada e exaltada integralmente, honrosamente, alegremente e eminentemente”

A experiência que se aloja num nome às vezes pouco tem a ver com a pessoa real que o carrega. Talvez seja esse o caso de Kelly, que, na realidade, se chama Maria das Dores. Desde que o pai a expulsou de casa por ter ficado grávida aos quinze anos, resolveu trocar de nome, motivada pelo desejo de ser outra (Maciel, 2008, p. 67).

Diferente da Maria mítica/bíblica, a Maria das Dores que iremos (dar a) conhecer não teve sua vida instaurada pelo nome de batismo, pois a própria vida lhe exigiu um segundo nascimento e, por conseguinte, um novo batismo. Por três vezes Kelly vem à luz: primeiro por seus pais, batizada como Maria das Dores; segundo, quando, expulsa de casa pelo pai e motivada pelo desejo de ser outra, escolhe e acolhe para si o nome de Kelly, mostrando-nos um autobatismo; terceiro ao (re)assumir o nome primeiro, mas com a diferença de se apresentar como Das Dores, ou Dasdô (Maciel, 2008, p. 71). A este último escutamos uma novidade/diferença também na preposição: ela não apenas vem grafada com a inicial maiúscula, indicando um nome próprio (Das Dores), mas também se aglutina ao segundo nome, compondo com ele apenas um e mesmo outro nome, uma vez que, evocado sozinho, *Dasdô*, se perde a referência às “dores”.

A experiência alojada no nome Maria, como discorreremos na abertura desta seção, não se encontra literalmente ao ser relacionada à vida de Kelly. Todavia isso não significa que ela, a experiência, não se faça presente. Aliás, é sua ausência que a faz emergir. Como acontece, assim, a emergência da experiência alojada no nome “Maria [das Dores]”? De duas formas: a primeira apresentaremos nesta seção – e, em certo sentido, já vínhamos evocando de forma um tanto implícita –; a segunda na seção seguinte, e tem justamente a ver com as dores de Maria, as sete... Continuemos com a explicação.

A primeira forma de emergência da experiência alojada no nome Maria realiza-se por um tempo que ecoa do mito. Porquanto que o mito da Virgem incorpora em si um ato originário e criador, porque não há, então, como dissociar o nome “Maria” da Virgem Maria, não importando se houve alguma Maria antes dela, ele, o mito mariano, instaura um tempo em que tudo o que veio posterior a ele retoma, de forma que ele passa a vigorar o que vier a ser construído. Não à toa, o mito elabora e referencia-se a uma realidade que procura fundar a um mundo, enquanto reunião de sentidos fundantes de uma sociedade, o qual resguardará em si possíveis modos de ser, em que qualquer “momento posterior da História, como processo de mudança, remontará a esse tempo primordial enfeixado pelo mito, e que subsiste, em estado puro, na tradição religiosa” (Nunes, 1995, p. 66). É nesse sentido que Eliade concebe o mito como “a narrativa de uma ‘criação’”, sobretudo a criação de uma “história sagrada”, narrando

“de que modo algo foi produzido e passou a ser”, promovendo, assim, “um tempo fabuloso do ‘princípio’” (Eliade, 1972, p. 9).

É desta maneira que a experiência alojada no nome Maria aparece, n’*O livro dos nomes*, sobretudo no caso de Kelly, por ausência. É possível encontrar, contudo, pontos de semelhanças em momentos cruciais na vida de Kelly e na da Virgem Maria, porém essas semelhanças se constituem junto de diferenças. Ambas tinham 15 anos quando grávidas (De Varazze, 2003, p. 657; Maciel, 2008, p. 67) – porém o filho de Kelly não vingou, perdendo-o em um aborto espontâneo, e o da Virgem fora morto na cruz – e tinham aproximadamente 45 anos quando houve uma guinada drástica em suas vidas, a morte de Jesus (que faleceu com 33 anos) e a assunção do nome de batismo, no caso de Kelly, após deixar o ofício de prostituta. Outra importante semelhança é a de que Kelly, ao deixar a prostituição, passa a ser “conhecida na cidade pelos lindos presépios que faz todos os anos, na primeira semana de dezembro” (Maciel, 2008, p. 71), instigando-nos a pensar, justamente, em uma imagem de nascimento e renovação que advém da Virgem Maria.

As “amarguras” acumuladas na vida de Kelly, sobretudo a perda do filho, são por elas esquecidas, cujo esquecimento, narrado em terceira pessoa, é contado em um tempo verbal que atrita com o advérbio de tempo “logo”, indicando algo “imediatamente”: “[...] Logo já não se lembrava dos dias ríspidos na roça, do enterro da mãe, do semblante austero do pai, das pequenas ruindades da irmã [Maria Alice] nem do filho que não veio” (Maciel, 2008, p. 68). Ora, o caráter inacabado e inconcluso do pretérito imperfeito surge no verbo “lembrar”, contrastando com o caráter imediato inserido pela expressão “logo já não”, em que “logo” e “já” acumulam a necessidade do imediatismo e de urgência diante da nova vida de Kelly, pois “no início foi tudo muito penoso, especialmente quando ela perdeu o filho num aborto espontâneo” (Maciel, 2008, p. 67).

É assim que emerge a referida experiência onomástica, que se dá por ausência no jogo entre esquecimento e lembrança para o caso do significado de “amargura”, no capítulo “Kelly ou O Amparo dos nomes”, em que os nomes dão batismos distintos e importantes no destino desta personagem. Os nomes dão o amparo necessário para Kelly continuar vivendo, pois, nas palavras dela, “[...] *uma mulher tem o direito de tudo esquecer, para não precisar sofrer a mesma dor várias vezes*” (Maciel, 2008, p. 70, *grifo da autora*). O desejo de ser outra, para esquecer as dores de uma vida antiga, move a passagem de Maria das Dores a Kelly. Em consonância a Azevedo (1993, p. 344), a romancista anuncia, na epígrafe do capítulo, que o “*nome Kelly é uma forma anglicizada do antigo gaélico Ceallach e quer dizer ‘donzela*

guerreira. Segundo outras fontes onomásticas, pode significar também ‘contenda’” (Maciel, 2008, p. 66, *grifo da autora*).

O suposto significado de Kelly como “contenda” revela uma tensão dialética e paradoxal do significado “donzela guerreira”, uma vez que “donzela” significa, dentre outras coisas, uma mulher que se preserva virgem, e Kelly ganha a vida pela venda dos prazeres da carne, e sua própria carne a fez virar “sensação”: “[...] Com os cabelos negros e cacheados até a cintura, alta e de corpo fornido, Kelly tonou-se a sensação das redondezas” (Maciel, 2008, p. 67-68). Enquanto o nascimento da Virgem Maria se dá pelo Sopro divino de seu nome, conservando-se imaculada e assim alcançando sua ascensão, Kelly, por meio da carne, eleva-se não para o céu, não para uma finalidade (gestar Jesus), mas para seu modo de ser mais próprio, de forma que seus nascimentos se realizam por intermédio dos nomes assumidos durante sua vida: “[...] Mas, ao contrário do que se pensa, [Kelly] não se arrepende da vida que teve. Considera ter cumprido a missão dela na Terra e se diz saudosa de sua própria beleza” (Maciel, 2008, p. 71).

Eis que, beirando os 45 anos, no momento em que “o corpo já mostrava sinais de desânimo” (Maciel, 2008, p. 71), Kelly, marcando seu terceiro nascimento, “por algum motivo secreto, reassumiu o nome de batismo, apresentando-se sempre como ‘Das Dores’, ‘Dasdô’ para os próximos”. (Maciel, 2008, p. 71). As dores esquecidas, e com todo o direito, ausentam-se no nome ofertado para os mais próximos. Maria das Dores, Kelly, Das Dores, Dasdô, é, ou melhor, são outras possibilidades da personagem ser si-mesma conforme o enredo de sua vida. Não à toa que, justamente quando reassume e diferencia(-se) o (pelo) nome de batismo, Kelly passa a construir presépios, e a narrativa, por um breve instante, assume o tempo presente: “[...] Hoje, Kelly é mais conhecida na cidade pelos lindos presépios que faz todos os anos, na primeira semana de dezembro” (Maciel, 2008, p. 71). E sua carne reincorpora-se no novo nome, mostrando que, para se assumir (qual o narrador a assume) como o ser que se destina a ser, é necessário descamar-se para achar-se enquanto sumo nas demoras do tempo, como ao descascar uma cebola: “Das Dores, um dia desses, contou que quando criança gostava de descascar cebolas. Deleitava-se em retirar a pele fina que revestia cada uma, até sentir nos dedos o sumo da polpa” (Maciel, 2008, p. 73).

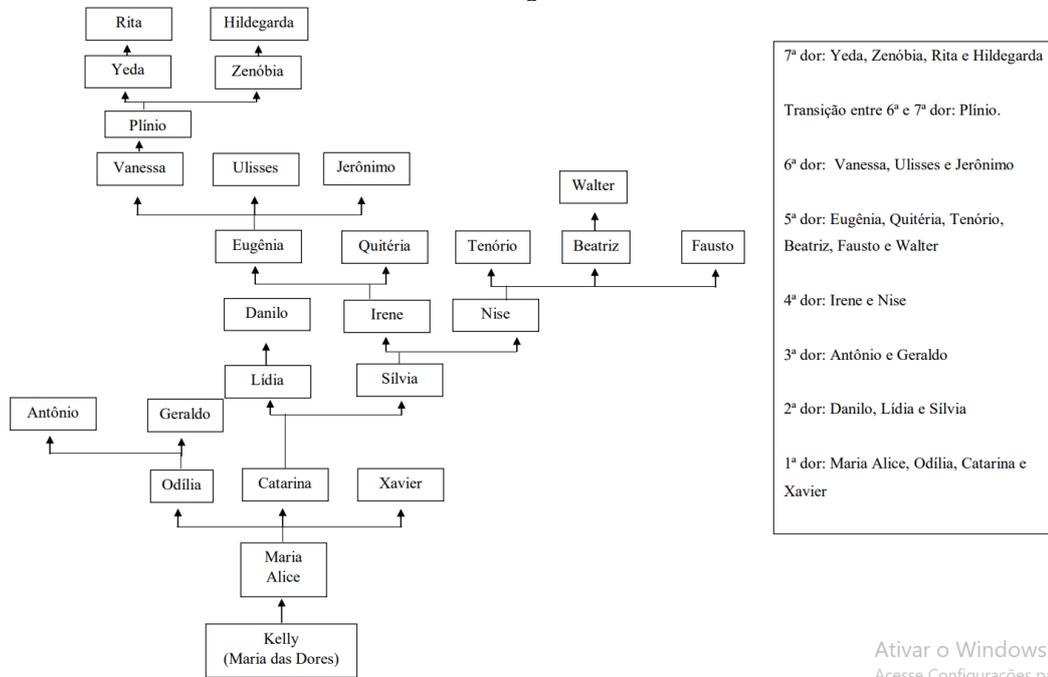
No entanto, o ato de descamar-se assim causa amargura, o que ela quer esquecer, esquecendo inclusive a ideia de que o tempo é “feito naturalmente de demoras” (Maciel, 2008, p. 73). A ludicidade da infância, memorada pelo amparo e a transmutação de seus nomes, é perdida no tempo do presente, restando-lhe apenas (ou tudo o mais) a lembrança a ser evitada: “[...] Mas o curioso é que ela agora se recusa a comer cebola em saladas e molhos, alegando

não suportar-lhes o gosto” (Maciel, 2008, p. 73). Enquanto que com a Virgem Maria temos um destino-nome – o nome delineando o destino –, com Kelly temos um nome-destino – o destino exigindo um nome que o acompanhe.

3 Maria Das Dores – no curso de sete chaves

Apenas o capítulo “Kelly ou O amparo dos nomes” conduz, ao formar uma estrutura arbórea em que ele é raiz/semente, a todos os outros capítulos do romance. Explicitemos essa constatação em uma imagem:

Imagem 1: estrutura arbórea de condução de leitura a partir de Kelly e as relações das personagens com as 7 dores da Virgem Maria⁶.



Fonte: elaboração própria, 2024.

Esta imagem nos mostra uma segunda leitura do subtítulo do capítulo: Kelly dá amparo a todos, embora nenhum deles faça menção a ela. A partir disso – e considerando que o nome “[Maria das] Dores” é relativo à Nossa Senhora das Dores (Obata, 1994, p. 66; Azevedo, 1993,

⁶ Para a construção desta leitura e esquema, excetuamos os nomes que viriam a se repetir. Por exemplo: Sílvia é citada em Antônio (e em tantos outros capítulos), porém, como primeiramente foi citada em Catarina, excetuamos a ramificação de Sílvia em Antônio. Consideramos apenas a primeira emergência dos nomes para a construção. Com relação a Plínio, ele representa um ponto de transição, pois há nele uma solidão não-dita (7ª dor) – vale mencionarmos que, “no prazo escasso de dois anos, ao se casar com Vanessa” (Maciel, 2008, p. 99), desfez-se de tudo o que era do tio de mesmo nome –, o que nos leva a considerar uma forma de “exílio” na medida em que se “autobane” de si mesmo: “[...] E até hoje se intriga com uma frase do tio, escrita provavelmente no dia do incêndio da cozinha: *Cada homem é seu próprio mendigo*” (ibid. idem, *grifo da autora*).

p. 176; Guérios, 1981, p. 103-102), título atribuído à Virgem Maria, pelo catolicismo, para aludir as suas dores sofridas enquanto mãe de Jesus – realizaremos uma leitura do romance tendo em perspectiva os possíveis significados que surgem ao relacionarmos as sete dores de Maria aos capítulos que formam uma certa referência a estas dores. Ora, se o texto literário “guarda dentro de si [...] uma profusão de semas que vão se manifestando aqui e ali, através do texto”, e se, nesse “processo [...], o Nome se desintegra em pequenas unidades de significação” (Machado, 1991, p. 142), o nome assumido por Kelly, *Das Dores*, junto de seu subtítulo, fornece-nos a condição de possibilidade de explorarmos esse significado do “sofrimento” em relação às demais narrativas/capítulos do romance.

Das 26 personagens, realizaremos, devido ao limite, a leitura de apenas 10. O critério será tanto a afinidade entre as personagens – para aprofundarmos a relação entre a dor mariana e as personagens – quanto o contraste e/ou dissonância – visando expandir a compreensão da dor. Para tanto, concentrar-nos-emos no enredo (ou trechos dele, sem esquecer o todo) dos capítulos. Assim será a organização desta seção⁷: 1ª dor, a profecia de Simeão, relação com Xavier; 2ª, fuga para o Egito, relação com Danilo; 3ª, perda do menino Jesus no templo de Jerusalém, relação com Antônio e Geraldo; 4ª, encontro da Virgem Maria com Jesus carregando a cruz, relação com Irene e Nise; 5ª, morte de Jesus no Calvário, relação com Eugênia e Walter; 6ª dor, descida de Jesus da cruz, relação com Ulisses; e 7ª, o sepultamento de Jesus e a soledade da Virgem, relação com Rita.

3.1 Primeira dor

A primeira dor de Maria é anunciada por Simeão, em Jerusalém, quando diz a Maria que seu filho “é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado (E *uma* espada traspassará também a tua própria alma)” (Novo Testamento, 2011, Lc, 2. 35, p. 116, *grifo do autor*). Esta dor a caracterizaremos como “infortúnio”, o qual traspassa a vida do cachorro Xavier por dois motivos: seu abandono, por parte da mãe, e a conseqüente adoção por José Fernandes⁸, a qual lhe traz como destino assistir ao suicídio de seu salvador. Não à toa que

⁷ As referências e reflexões sobre as dores de Maria foram colhidas nos evangelhos de Mateus, Lucas, João e em parte no de Marcos.

⁸ Este personagem se caracteriza por atravessar o capítulo “Maria Alice” e “Xavier”, marcando-se como uma presença errante e fantasma. A sua própria menção aqui parece atestar o que estamos discorrendo sobre as relações entre as personagens d’*O livro dos nomes* e as dores de Maria, uma vez que, por conta da depressão que o levou ao suicídio, carregava consigo um “mal súbito e se” resignava, “de vez, a um mudo desencanto” (Maciel, 2008, p. 155). A sua vida construiu um permanente paradoxo com seu nome e apelido: “José” traz consigo um significado de expansão (da vida) graças a promoção de Deus (Guérios, 1981, p. 152; Azevedo, 1993, p. 331; Obata, 1994, p. 119); “Fernandes” o de ousadia, coragem, inteligência, protetor (Guérios, 1981, p. 119; Azevedo, 1993, p. 231;

o nome do bairro onde foi abandonado pela primeira vez ser “Rosário”, indicando devoção mariana e circularidade, pois, no rosário, a reza termina na conta em que se começou.

O abandono de sua mãe, após a morte de seus irmãos, marca o primeiro infortúnio de Xavier. Sem nome e casa, ele perambulava “à espreita de restos de algum restaurante ou açougue” (Maciel, 2008, p. 152). Perambulou até encontrar com quem viria a ser seu parceiro de errância, Jafé. Sua salvação provisória corresponde ao significado de seu nome – “casa nova” (Maciel, 2008, p. 150; Obata, 1994, p. 196; Azevedo, 1993, p. 617; Guérios, 1981, p. 253) –, assim como pode remeter, paradoxalmente, ao referido infortúnio, pois é na casa nova que acontece o suicídio. Embora estivessem “prontos para qualquer acaso, fortuna ou perigo” (Maciel, 2008, p. 151), a casa nova conduz Xavier para um novo infortúnio, uma “culpa sem culpa alguma”, de modo que o suicídio de Jafé acarretou a sensação de assassino em Xavier: ao não conseguir impedir o dono do ato, Xavier uiva “em aflição, como se tivesse sido ele, involuntariamente, o assassino” (Maciel, 2008, p. 156).

Além de parceiro de Jafé, Xavier era-lhe quase como um espelho, pois, como indica o nome “Fernandes”, cuidava da casa como protetor – “[...] não se descuidava da casa, atento a qualquer ruído” (Maciel, 2008, p. 153) – e do “dono em seus mínimos silêncios” (Maciel, 2008, p. 155). Aliás, Xavier foi o primeiro a perceber a silenciosa dor de Jafé. A perda do salvador e do vigor da vida após o suicídio rompem o sentido de “casa nova”, transformando sua vida em lamentação. A ausência física e presença fantasma do dono após a morte acentuaram a dor do cachorro:

Nas grandes dores, nas dores assombrosas, morrer é a opção mais óbvia. Viver, não. Viver passa a ser o maior problema, a grande prova. Foi o que ocorreu com Xavier, o cachorro que assistiu ao suicídio do dono. Ao longo de três semanas ele ganiu noite após noite, como se revivesse o drama inteiro por exatos quinze minutos. [...] A impressão era que a alma do cão se decompunha a cada segundo (Maciel, 2008, p. 85).

3.2 Segunda dor

A fuga para o Egito (Novo Testamento, 2011, Mt, 2. 12-14, p. 3) caracteriza um momento de desassossego diante do temor da ameaça de morte (feita por Herodes) que recai sobre Jesus. Maria e José, junto do menino Jesus, refugiam-se no Egito, deixando para trás tudo

Obata, 1994, p. 85); “Jafé” é o que mais contrasta e, paradoxalmente, atesta a sua presença fantasma se o considerarmos em uma correspondência fonética com “Jafef”, do hebraico *Iafet*, cujo significado é o “que se espalha ao longe”, ‘que dilata’, ‘muito divulgado’” (Azevedo, 1993, p. 319). A sua presença aparece nos capítulos de Kelly, Maria Alice e Xavier.

o que conheciam para preservar a vida. No caso de Danilo, a iminência da morte trouxe consigo a possibilidade tanto de se refugiar em um amor consumado apenas em cartas, um adultério de palavras, quanto a preservação da vida: “*Minha vida já não me pertence depois que te encontrei* – escreveu Lola a Danilo tão logo o conheceu numa tarde de abril⁹. *Já com você minha vida voltou a ser minha* – ele replicou” (Maciel, 2008, p. 29, *grifos da autora*). A morte abriu-o a vida clandestina.

O “urgente sigilo” (Maciel, 2008, p. 29) que essa relação exigia coaduna-se com dois possíveis significados de “Danilo”: 1) o que é expresso na epígrafe do capítulo, atribuindo ao filósofo dinamarquês Kierkegaard – seria acaso a referência a este em um nome cujo significado é “dinamarquês”? – a definição de Danilo como “*o que guarda zelosamente aquilo que lhe foi entregue sob custódia*” (Maciel, 2008, p. 26, *grifo da autora*); 2) e o que indica ser Danilo a versão eslava para “Daniel”, o qual significa, no hebraico, “juiz de Deus”, “meu juiz é Deus” (Azevedo, 1993, p. 161; Guérios, 1981, p. 61), ou ainda “Deus decide, determina, julga” (Obata, 1994, p. 100).

Danilo entrega-se a esse amor intenso e, por conta de sua iminente morte que lhe obrigava “a imaginar-se fora do mundo e de si próprio” (Maciel, 2008, p. 77), efêmero para deixar de fingir, como diz sugestivamente após receber o diagnóstico de sua doença: “*É incrível como, na iminência da morte, a gente perde a vontade de fingir*” (Maciel, 2008, p. 28, *grifo da autora*). Aquele que um dia lutou pelas causas mais urgentes de seu país não pôde resistir a um amor destinado a um resgate de seu desejo de viver – “[...] Ou seria apenas o exercício de um direito de se permitir um último desejo” (Maciel, 2008, p. 29)? –, ou seria de se “vingar da mulher pelo que ela faria sem ele enquanto estivesse viva” (Maciel, 2008, p. 29), ou ele foi encaminhado a isso pelas palavras de Lídia, sua esposa – “[...] Mas foi Lídia que, com seu jeito de lidar com o alheio, demoveu-o do desalento e convenceu-o a se agarrar a qualquer coisa de certo” (Maciel, 2008, p. 28). O certo é o que desassossego de Danilo trouxe consigo uma “vida clandestina à morte”, deixando para trás a quem “*queria ser velha para ter*” lhe “*dedicado a*” sua “*vida inteira*” (Maciel, 2008, p. 28, *grifo da autora*), para que ela se sobrepujasse a iminência da morte.

3.3 Terceira dor

⁹ Há de mencionarmos o contraste entre “abril”, abertura à primavera, à vida, e a morte iminente de Danilo.

A perda de Jesus no templo de Jerusalém, quando foram até lá para celebrarem a “festa de páscoa” (Novo Testamento, 2011, Lc, 2. 41, p. 116), marca a terceira dor de Maria. A perda é o que move Antônio e Geraldo, pois, em contraste à comemoração da liberdade do povo hebreu (momento em que Jesus se perde), o amor que eles nutriram por suas esposas, Sílvia e Odília, respectivamente, levaram-no a perda de suas liberdades e pazes.

Antônio é a personagem que abre o romance. Ele é, assim, em uma interpretação possível, o “vanguardeiro”, “o que se põe adiante”¹⁰ (Maciel, 2008, p. 11; Guérios, 1981, p. 59; Azevedo, 1993, p. 61; Obata, 1994, p. 30), à linha de frente. Porém esse significado evidencia justamente o oposto, uma vez que ele aceita todas as ofensas e infortúnios provocados por Sílvia, bem como “com ela viveu todos os infernos. Se, durante algum tempo, suportou tudo sem reservas, aos poucos foi ficando totalmente perplexo” (Maciel, 2008, p. 120). Opor-se a esse erro não é uma opção para Antônio. Sua vida amorosa nos mostra que ela é um desdobramento de sua crença em que “viver é especializar-se no erro” (Maciel, 2008, p. 12), de vez que perdeu sua liberdade e paz ao ter, assumidamente, casado com a mulher errada, além de ter perdido um amor recíproco e a chance de viver com Irene.

Assim como Antônio, o amor faz Geraldo se perder, pois “aos poucos foi se dando conta de que tinha se casado com uma mulher sem juízo” (Maciel, 2008, p. 43) e de que “Amar Odília foi o maior peso” de sua existência, “a ponto de adoecer algumas vezes” (Maciel, 2008, p. 44). Se “Geraldo” significa “senhor da lança” (Maciel, 2008, p. 41), “o que governa com a lança” (Guérios, 1994, p. 130), “o que domina com a lança” (Azevedo, 1993, p. 259), ou ainda “forte como a lança” (Obata, 1981, p. 91), sua vida mostra o extremo oposto: não tinha nome nem fortuna, era “de espírito delicado e sem malícia” (Maciel, 2008, p. 42), ao ponto de, mesmo trabalhando na fazenda do sogro, não suportar a “idéia de ter de abater porcos, vacas e novilhos”, ficando “deprimido por vários dias depois da matança” (Maciel, 2008, p. 44). O trabalho para garantir o sustento da família o forçou a abrir mão do “ofício que sempre o fascinara: o de alfaiate” (Maciel, 2008, p. 44), um trabalho cujo vigor é a criação, não a morte.

A perda de Jesus em Jerusalém provocou em Maria temor, temor que contrasta com a serenidade do filho, o qual estava em comunhão com quem o cercava. As perdas de Antônio e Geraldo acabaram sendo, em certo sentido, a perda de suas vidas e, no caso de segundo, um sonho. A vida perdida prometia serenidade e comunhão, não o temor.

3.4 Quarta dor

¹⁰ Há outros tantos significados para Antônio, contudo apenas esse, para a nossa interpretação, é que nos interessa.

O encontro de Maria com Jesus na cruz (Novo Testamento, 2011, Jo, 19. 25, p. 228) indica a quarta dor. Pode parecer estranho em um primeiro momento, entretanto caracterizaremos esta dor como “realidade”. A realidade da qual Jesus buscava salvar a humanidade seria a mesma que o condenaria a morte. Maria, encontrando-se com Jesus na cruz, tem diante de si, além do filho redentor, uma concepção de mundo que o conduziu ao calvário. Dada as devidas proporções, a personagem Irene defronta-se com a mesma situação. Ora, escutemos a primeira entrada do narrador no capítulo que trata de Irene: “A realidade sempre subjuguou Irene” (Maciel, 2008, p. 52).

Não apenas o que está aí dado e pode ser comprovado empiricamente, como o que nos cerca e envolve, mas como o que se põe em causa a partir da instauração e construção de um mundo é que compreendemos por “realidade”. Se “realidade” é o que há de próprio do “real”, a realidade que conduziu Jesus ao calvário foi antes a concepção de uma sociedade que se formou durante o tempo e se desencadeou ali no encontro entre mãe e filho do que o momento do julgamento e sentença de Pilatos. É neste sentido que a realidade aí instituída não cessa de subjugar Irene, limitando-a. Assim, por mais que “desejasse, ela nunca conseguiu construir o que planejou para sua vida” (Maciel, 2008, p. 52).

O nome “Irene” significa “deusa da paz”, “a pacífica” (Maciel, 2008, p. 51; Guérios, 1981, p. 146) ou somente “paz” (Azevedo, 1993, p. 309; Obata, 1994, p. 108). Sua “paz” parece ser advinda da subjugação, assim como sua pacificidade diante do mundo que a assola, de vez que Irene “não se deixava impressionar pelas coisas que não tinha. Pelo contrário, parecia contentar-se com o mínimo, os restos do que as outras [Sílvia, Odília e Nise] possuíam” (Maciel, 2008, p. 53, *colchete nosso*). O encontro entre mãe e filho marca tanto a presença vociferante da realidade que não se apagará quanto da iminente ausência de Jesus, assim como Irene, a qual, diante do que tinham as irmãs, contentava-se com a paz das sobras que lhe davam.

3.5 Quinta dor

É a consumação de Jesus, sua morte no calvário, e de seu destino o que promove a quinta dor de Maria: “E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Novo Testamento, 2011, Jo, 19. 30, p. 229). Essa consumação, entendida como conduzir ao sumo, abre-nos a pensá-la de duas formas: morrer para se entregar ao destino e entregar-se a morte para *ser-se*, isto é, ser si mesmo.

Essas duas formas de consumação atuam de modo interpenetradas. Eugênia, a de “bom nascimento” (Maciel, 2008, p. 31; Azevedo, 1993, p. 213; Obata, 1994, p. 113), para nascer e ser si-mesma precisa entregar seu antigo ser a morte para destinar-se à ficção – “A filha mais velha de Antônio inventou tanta coisa sobre si mesma, que talvez ela não seja mais que uma ficção” (Maciel, 2008, p. 11) – por meio de antecipadas autobiografias que lhes dessem um destino querido – “[...] inventava biografias antecipadas de si mesma, na expectativa de compor o seu próprio destino” (Maciel, 2008, p. 32).

Caminho distinto é traçado a Walter, pois Euguênia cria-se *outras* para ser. Walter, “o que governa o exército”, “o guia/general” (Maciel, 2008, p. 31; Azevedo, 1993, p. 614; Obata, 1994, p. 195; Guérios, 1981, p. 252), precisa deixar-se ao poder de condução dos outros (o outro de si mesmo que habitava, escondido, em si e somente aflora por meio da alteridade), dos exércitos de “eus” que cada um é para si, para encontrar-se – “[...] Mas como contar a Beatriz da súbita paixão por Alessandro [...] que o convidou a ir para Itália com ele? Como dizer a ela que, com esse outro, descobriu o melhor de si mesmo” (Maciel, 2008, p. 145)? –, embora, para tanto, ceda uma parcela de si – “[...] Walter, no começo, teve dificuldade de se adaptar aos caprichos do amante, mas acabou por adotar dele os mesmos vícios” (Maciel, 2008, p. 149).

3.6 Sexta e sétima dores¹¹

A descida de Jesus da cruz (sexta dor) mostra um contraste com os outros dois crucificados: estes, ainda vivos, tiveram as pernas quebradas e Jesus não. Essa descida significa que o “papel” de Jesus havia sido cumprido. Seu corpo, devolvido, seria envolto “num fino e limpo lençol” (Novo Testamento, 2011, Mt, 27. 59, p. 66), junto de “especiarias” (Novo Testamento, 2011, Jo, 19. 49 p 229). Essa imagem simboliza o início da passagem de Jesus à ressurreição, de vez que seu corpo, posto no “sepulcro novo, que havia aberto em rocha” (Novo Testamento, 2011, Mt. 27, 60, p. 66) e por ninguém nunca usado, seria velado por uma pedra (sétima dor, o sepultamento). Dali em diante a realidade não mais o subjugaria. O tempo revolver-se-ia em um por-fazer/passado que não cessa de acontecer, pois o Verbo divino realizado em carne habita em todos os tempos: “O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará

¹¹ Embora todas as dores estejam interligadas, as sexta e sétima inter-relacionam-se intimamente, de modo a exigirem uma leitura e interpretação conjunta, pois a abertura do passado como um por-fazer convoca consigo o seu velamento, a pedra tampando o sepulcro novo em rocha.

em vós. Não os deixarei órfãos; voltarei para vós” (Novo Testamento, 2011, Jo, 14. 17-18, p. 218). Embora presente, a solidão de Maria pela ausência do filho a angustiaria.

É esse por-fazer que se realiza “inauguralmente” (*fino e limpo lençol*) e, concomitantemente, se recolhe à origem, a “virgindade” do sepulcro como sendo a virgindade da mãe – o “não” dando margem para o acontecimento do “sim”. É neste sentido que o capítulo “Ulisses ou A viagem sem volta” se construirá, uma vez que os verbos, a partir da segunda parte do capítulo, serão todos conjugados no futuro do presente, pois que a viagem, o deslocamento e o exílio sempre o acompanharão: “Por mais que a mãe suplique, Ulisses nunca voltará à sua terra de origem. Isso porque se afinará inteiramente com a experiência do exílio” (Maciel, 2008, p. 137). Mesmo na primeira parte do capítulo, em que os verbos estão em sua maioria no passado, ao final o tempo presente se instaurará, retirando a cristalização do tempo “passado”, e se projetará ao futuro (do presente), ao devir, de forma que a origem (demarcada pelo “pai”) fará essa projeção: “[...] Hoje com dezessete anos, [Ulisses] prepara-se para ir estudar fora, com o apoio incondicional do pai, desejoso de oferecer ao filho um futuro. Mal sabe Ulisses que Antônio morrerá antes que as coisas se consumem” (Maciel, 2008, p. 132).

Ulisses é alheio aos conflitos de sua família, o que conflita com o significado etimológico de seu nome, “o irritado” (Maciel, 2008, p. 131; Azevedo, 1993, p. 591; Obata, 1994, p. 188; Guérios, 1981, p. 242). Preferiu exilar-se, primeiramente nos livros e depois no estrangeiro, a assumir e/ou “reassumir o enredo que a família lhe preparou como herança” (Maciel, 2008, p. 137). Se considerarmos que Antônio dava mais atenção a Eugênia e Sílvia a Vanessa, o que restaria para Ulisses se não um abandono, uma falta? Em verdade, o abandono talvez tenha sido sua salvação, pois que o abandono é, como Riobaldo em *Grande sertão: Veredas*, uma condição de aporia (Finazzi-Agró, 2002, p. 126), de se entregar, no limiar, a um poder (da viagem e do exílio) que o ultrapassa: “[...] É evidente que Ulisses não deixará de sofrer sua dor antiga. Mas, mesmo se resignando à insônia consciente, ele resistirá ao desejo de voltar à sua terra” (Maciel, 2006, p. 137).

No caso de Rita (representando a sétima dor), sendo abreviatura de “Margarida”, nome este que aponta para o de um molusco (Obata, 1994, p. 136; Azevedo, 1993, p. 512), o qual possui concha madrepérola, o poder que lhe convoca é o esquecimento – “[...] O dom de esquecer era uma de suas marcas nítida” (Maciel, 2008, p. 113) –, ainda que seja como forma de cuidar de si mesma, abandonando-se ao imediato da vida:

Somos sempre incompatíveis com nossos motivos – Rita leu num livro aberto ao acaso. Será que isso quer dizer que todo motivo contradiz um desejo irrealizável? – perguntou-se, relendo a frase. Mas logo parou de pensar nisso, por achar que era

melhor fugir dos textos difíceis em proveito da vida imediata (Maciel, 2008, p. 113, *grifos da autora*).

Um molusco, para se defender de um corpo estranho, transforma-o em uma pérola para salvaguardar-se. Aliás, “pérola” é o significado de “Margarida” (Obata, 1994, p. 136; Azevedo, 1993, p. 512; Guérios, 1981, p. 212). Ocorre que Rita, em verdade, “não se dava bem com o estranho” (Maciel, 2008, p. 115). Sua recusa ao mistério é a recusa ao poder velado, resguardado por uma pedra, que lhe abriria ao inaugural da vida. Rita possui a característica de apagar de si tudo o que já lhe fez mal, inclusive as atrocidades de Sílvia na infância. Esta é sua forma de cura. Porém sua “solidão resignada” (Maciel 2008, p. 116) não a impediu de não esquecer/lembrar do amor intenso e profundo pelo último namorado, e, apesar de quase cega, “tateando as coisas numa gaveta” (Maciel, 2008, p. 116), uma pérola velada em um molusco, é capaz de vê-lo “inteiro dentro dos olhos” (Maciel, 2008, p. 116), conflitando com o nunca mais querer vê-lo, embora o desejo.

4 Considerações finais

A leitura do nome de Kelly e do modo como ela nasce três vezes, sendo na primeira um “batismo biológico” e nas outras duas um autobatismo, permitiram-nos compreender que um único nome, em se tratando de literatura, é capaz de nos abrir para inúmeras travessias, como indica o título do romance, perseguidor de sentidos. O ato de Kelly refazer, a partir dos nomes, sua existência, descamando-se como descascava a cebola na infância, permitiu-nos realizar uma leitura totalizante do romance *O livro dos nomes*, pois que a partir de seu nome e a referência mítica que ele resguarda em si estruturou-se, e fomos capazes de construir, uma leitura arbórea do livro.

Embora não tenhamos trabalhado com todas as 25 personagens que Das Dores arboriza, foi possível mostrar como as 10 que ora interpretamos engendram conexões com as sete dores da Virgem Maria. Foi o amparo do nome de Kelly que nos possibilitou realizar esse trabalho – aliás, foi seu nome-destino que, em seu limite de palavras, nos deslimitou.

Referências

- AZEVEDO, Sebastião Laércio de. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1993.
- DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda áurea: vidas de santos*. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Aporia e passagem: a sobrevivência do “trágico” em Guimarães Rosa. *Scripta*, v. 5, n. 10, p. 122-128, 2002. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12390>. Acesso em: 24 de abr. de 2023.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico dos nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. amp. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981.
- MACIEL, Maria Esther. *O livro dos nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991.
- NOVO TESTAMENTO. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. cor. rev. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011. p. 1-233.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. 13. ed. São Paulo: Nobel, 1994.

Recebido: 25/04/2025

Aprovado: 27/06/2025

Publicado: 30/06/2025